

CIDADE ABERTA

PEDRO MAIA



Pesca artesanal pede socorro no litoral

A atividade pesqueira tem sido ao longo dos séculos base primordial da vida dos habitantes de pequenas vilas do litoral e por algum tempo foi uma esperança para o aproveitamento racional do pescado na indústria brasileira.

Porém o crescimento da tecnologia da pesca não foi devidamente desenvolvida aqui ao Sul do Equador e o resultado não se fez esperar: barcos pesqueiros de países estrangeiros avançaram nas águas do Atlântico enquanto a nossa frota se deteriorava e se perdia nas ondas violentas de uma concorrência desleal bancada e mantida pelo capital multinacional.

Enquanto grandes empresas se utilizam de radares para localizar e abater os cardumes antes que eles entrem nas duzentas milhas de águas nacionais nosso setor pesqueiro continuou atrelado à pesca de médio porte usando embarcações tacanhas e acanhadas para disputar espaço com o poderio de outros países que também exploram este mister.

A produção do pescado diminuiu drasticamente nestes últimos tempos caindo em tonelagem e em qualidade do pescado em toda costa brasileira.

Um exemplo que confirma esta afirmação é o fato de que os grandes cardumes de manjubas, espadas, baiacus e peroás, que nunca deixaram de periodicamente dar o ar de sua graça nas costas capixabas, agora só raramente aparecem e quando aparecem não atendem nem à demanda interna nos restaurantes e similares situados ao longo de nossas praias.

Mas não foi sempre assim. Em um passado mais ou menos recente era comum a pesca de toneladas destas espécies movimentando os nossos balneários e fazendo a festa dos pescadores artesanais que neles sobrevivem. Na bucólica e aprazível Barra do Jucu, onde há algum tempo baixamos a ancora de nosso barco, eram caminhões e mais caminhões que saíam abarrotados destes peixes para serem comercializados pelo interior capixaba.

A oferta era tanta que pequenas indústrias funcionavam a pleno vapor salgando e exportando baiacus e peroás em diferentes estações do ano. Quando sumiam os baiacus apareciam os peroás e o mesmo se repetia com relação às manjubas (sardinhas) e espadas. E esta pesca periódica era previsível ao ponto dos pescadores dividirem os meses do ano como “tempo do baiacu” ou “tempo dos peroás”.

Agora tudo isso não existe mais o que em muito sacrificou a vida dos homens do mar em todo litoral do País.

Até o caranguejo, festejado e consumido crustáceo de nossos manguezais, desapareceu em vários pontos da costa vítima de uma misteriosa moléstia que é chamada de “doença letárgica” e que até hoje – por incompetência ou por falta de cuidados especiais do governo – ainda destrói a espécie criando problemas em grande parte do nosso litoral.

E todas estas mazelas, em que pese os esforços dos órgãos afetos ao problema, paulatinamente alcançaram índices temerários afetando de maneira drástica o orçamento das populações costeiras que sobrevivem da pesca artesanal.

Um exemplo do descaso para com os pescadores costeiros

pode ser constatado na mesma Barra do Jucu a que nos referimos acima: o local onde os pescadores do lugar guardavam seus barcos e seus apetrechos de pesca foi destruído durante uma tempestade. Prometeram que os barracões seriam reconstruídos em caráter de urgência mas até hoje, seis anos depois, nada foi realizado neste sentido causando sérios prejuízos econômicos e sociais para toda aquela região.

Até quando este estado de coisas vai perdurar?



A oferta era tanta que indústrias funcionavam a pleno vapor salgando e exportando baiacus e peroás